



DOSSIER DE PRODUÇÃO

VICENTINA LUSITÂNIA





VICENTINA LUSITÂNIA



*A partir dos Autos “Barca do Inferno”, “Barca do Purgatório”, “Barca da Glória”, “Breve Sumário da História de Deus”, “Exortação da Guerra”, “Feira” e “Lusitânia” de **Gil Vicente***

Adaptação e Encenação Pedro Galiza

Assistência de Encenação Pedro Morim

Interpretação Crestina Martins, Inês S Pereira
e Tiago Regueiras

ÍNDICE

SOBRE A COMPANHIA 4

INTRODUÇÃO 5

UM EXERCÍCIO DE FUSÃO 6

SINOPSE 7

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA 8

INFORMAÇÕES E CONDIÇÕES TÉCNICAS 9

INFORMAÇÃO GERAL

NECESSIDADES TÉCNICAS

NOTAS BIOGRÁFICAS 12

CONTACTOS 14

Tendo por objectivo ser uma estrutura de contínua pesquisa, investigação, criação e produção teatrais, a Marácula sumariza-se a si própria como um recreio de actores. Um recreio sério e a sério, artística e esteticamente meticuloso e com uma aguda consciência das responsabilidades inerentes ao acto teatral, mas, ainda assim, um recreio, um espaço de liberdade onde os impulsos criativos dos seus integrantes se podem exercitar, cruzar, questionar e materializar em formas continuamente renovadas. Um refúgio alheado do crescente mercantilismo das artes cénicas onde a integridade artística é um valor absoluto, o teatro é um fenómeno que se auto-justifica e o actor é um mensageiro provocador, um artesão em contínuo aperfeiçoamento e um tradutor privilegiado do mundo que o rodeia, nunca um produto de consumo fácil.

O intérprete como agente vivo da criação no momento da mesma; a arte como motor transformador do “aqui” e “agora”; o palco como ponto de encontro e comunhão entre o presente quotidiano e sensível do público e a ficção posta em movimento pelo performer. São estas as linhas-mestras da nossa filosofia de criação e cujos intrínsecos desafios abraçamos com entusiasmo, procurando produzir um trabalho tecnicamente exigente, coerente e depurado, mas nunca conformado ou conformista.

Sendo uma estrutura transnacional cujo trabalho se desenvolve simultaneamente em Portugal e Espanha (e sendo também uma entidade que não pretende apenas suportar a produção de criações próprias, mas também estabelecer pontes com outros projectos e criadores), a Marácula apresenta-se como uma companhia nascida de e para o cruzamento de vontades, assumindo plenamente um papel multifacetado no desenvolvimento das artes cénicas e estruturando-se, assim, como um projecto congregador, multiplicador e difusor de visões e discursos teatrais distintos e diversos. O FIS – Festival Internacional de Solos, co-produzido com a Ventos e Tempestades e o Cine-Teatro Garret, apresenta-se, assim, como um exemplo particularmente relevante dos esforços encetados nesse sentido pela companhia. A Marácula é uma câmara de ressonância de inquietações artísticas que perpassam e animam toda uma geração de autores cénicos fortemente comprometidos, empenhados e, acima de tudo, sedentos.

INTRODUÇÃO

Um vídeo-espectáculo a partir de vários textos de Gil Vicente, o “pai” da dramaturgia portuguesa, “Vicentina Lusitânia” é uma das primeiras abordagens da Marácula no âmbito escolar.

Das palavras do dramaturgo nasce um espectáculo artisticamente multidisciplinar, que aglutina actores, marionetas, máscara e projecção audiovisual por forma a criar uma rica experiência teatral especialmente indicada à introdução do público jovem ao repertório vicentino. Pela mão de três diabos expulsos do céu, contempla-se não só a paisagem sociológica do dealbar do Renascimento português, mas também se lança um olhar atento à actual conjuntura nacional.

Como todos os grandes clássicos, Gil Vicente possui a grandeza de linguagem e imaginação que o torna intemporal, facto a que este espectáculo presta uma sentida homenagem.



UM EXERCÍCIO DE FUSÃO

“Vicentina Lusitânia” é, na sua essência, uma rapsódia pedagógica. Através da adaptação, conjugação e sobreposição dos autos das três Barcas (Inferno, Purgatório e Glória), do Breve Sumário da História de Deus e dos autos da Exortação da Guerra, da Feira e da Lusitânia, criou-se um corpo dramático particularmente apropriado para ser analisado e explorado por jovens estudantes recentemente introduzidos à obra vicentina. Sendo uma construção dramática exigente em todas as suas dimensões, este espectáculo convida o espectador a testemunhar em acção os mecanismos subjacentes à escrita e tradição teatrais vicentinas, recusando, porém, ser um objecto de teatralidade museológica: o verso, o texto, o contexto, as personagens e as cenas são elementos jogados dramaturgicamente na sua imensa relevância actual, na sua profunda plasticidade e no seu extraordinário e surpreendente poder cénico.

Ao mesmo tempo, este espectáculo é uma híbrida criação performática que, ao congregar diferentes técnicas e meios teatrais (e não só), oferece ao espectador um convite muito especial. Desde o recurso à projecção audiovisual, praticamente omnipresente, como uma poderosa ferramenta de contextualização e jogo cénicos, passando pelo uso da máscara e da marioneta (ambas trabalhadas na atmosfera onírica gerada pela aplicação de luz negra) e da subtil presença da dança (à qual se recorre na concepção dos ritmos primordiais que nunca abandonam os corpos dos nossos diabos), esta nossa proposta apresenta-se como uma cuidada construção imagética sustentada pelo incomparável lirismo deste nome maior da dramaturgia lusa.

Assim, pretende-se proporcionar uma experiência ludo-pedagógica que permita aos espectadores mergulhar no verso vicentino e disfrutá-lo através de uma espectacularidade envolvente e aprimorada.

“Vicentina Lusitânia” revela-se, então, como uma prova viva da infinita adaptabilidade da obra de Gil Vicente a diferentes contextos, exigências e universos de criação teatral. A quem assista a este espectáculo... Obrigado por virem ao teatro!

SINOPSE

Três anjos, Lúcifer, Satanás e Berzebú, após uma revolta contra o Divino, são expulsos para lá das portas do Céu e testemunham, atónitos, e bem ao jeito do pensamento novo do Renascimento, a inexorável elevação do Homem. Queimadas as suas asas nos fogos do recém-criado Inferno, engendram a queda dos “primeiros casados”, Adão e Eva, pois nas palavras de Lúcifer “(...) os paes venceste, os filhos assi / Trabalhai e procurai que venhão à mão.” Tentados e conquistados “aqueles monarcas do mundo primeiros”, abre-se caminho para a corrupção dos diabos entrar no mundo. Testemunhamos como a arrogância desmedida de Lúcifer, a ira incontável de Berzebú e a maliciosa subtileza de Satanás, de forma lenta mas imparável, irrompem no coração dos homens viajando em três barcas, não a do Inferno, Purgatório e Glória, como propôs Gil Vicente, mas a da Ganância, Guerra e Morte. No lirismo pungente do verso vicentino, na sua forte imagética litúrgica e no ritmo por vezes galopante da sua métrica, somos público do espectáculo do pecado: dinheiro, usura, inveja, tirania, violência. E, sendo os diabos os guardiães eternos das almas pecadoras, sentimos, a cada passo, a cada verso, a presença imaterial da Morte.

Danados-marionetas cruzam o cais do Inferno e entram na “ilha perdida”, no “fogo ardente”, nos “negros fados”. Desfila a sociedade portuguesa quinhentista nas tábuas daquele cais, mas desfila também o

início do século XXI português. Mudam-se os nomes, mas não os pecados. Os próprios diabos, de fato e gravata, aperaltados para a cerimónia infernal da passagem das almas, fazem ecoar o contemporâneo impasse português, que gira sobre si mesmo e nos faz colectivamente cair no ciclo dos nossos pequenos pecados enquanto povo. A partir do simples jogo da manipulação de uma marioneta, oferece-se ao público a metáfora da própria manipulação, questionando-se os limites da nossa auto-determinação e perguntando ao espectador, sem nunca sair do jogo, qual será a identidade dos diabos que manipulam a grande marioneta que é a actual sociedade portuguesa.

Recheado o Inferno com almas, o ritmo dos diabos, o ritmo do Inferno, é sublimado numa negra liturgia em que a palavra vicentina é lançada em todo o seu esplendor plástico e em toda a sua espectacularidade poética. Os diabos ganham a contenda com o Divino e o mundo é seu, para conquistar e corromper, para roubar e para manipular. Num coro final, evocado na acalmia que sucede à vitória, uma pequena enunciação de contrários faz opor Todo o Mundo e Ninguém, regozijando-se os diabos com a ferida que conseguiram infligir à sociedade, ferida essa que esperam que gangrene. Naquele tom tragicómico que perpassa todo o espectáculo, os diabos atiram ao público um último aviso: “Vos me veniredes à la mano”...



VICENTINA LUSITÂNIA

A partir dos Autos “Barca do Inferno”, “Barca do Purgatório”, “Barca da Glória”, “Breve Sumário da História de Deus”, “Exortação da Guerra”, “Feira” e “Lusitânia” de *Gil Vicente*

Adaptação e Encenação Pedro Galiza

Assistência de Encenação e Desenho de Luz Pedro Morim

Interpretação Crestina Martins, Inês S Pereira e Tiago Regueiras

Concepção Plástica Pedro Galiza e Pedro Morim

Concepção e Construção de Marionetas Giselle Stanzione

Design de Vídeo Carlos Meinedo, João Moreira e Nuno Leites

Sonoplastia Pedro Galiza, Pedro Morim e Tiago Regueiras

Música Original "The Puppet Tango" Inês Morim e Pedro Morim

Design Gráfico Adriana Leites

Motion Design e Fotografia Nuno Leites

Produção Marácula – Associação Cultural

© 2013



INFORMAÇÃO GERAL

O ESPECTÁCULO

O espectáculo desenrola-se num único acto e tem uma duração aproximada de 50 minutos, sem intervalo. A sua representação poderá ser realizada em teatros convencionais (com palco à italiana), salas-estúdio (tipo Black Box) ou outros espaços não-convencionais, mediante a aprovação prévia e adaptação correspondente da directoria técnica da companhia.

O ESPAÇO CÉNICO

Espaço livre, com torres de iluminação montadas à esquerda e direita do centro cénico. No fundo de cena, uma tela de projecção de 2,60m de altura por 3,5m de comprimento, ladeada por duas entradas 1m (acopladas à estrutura de projecção). Na boca de cena, uma estrutura térrea onde se encontram dispostas as marionetas e os projectores de luz negra.

PESSOAL DA COMPANHIA

Intérpretes: Crestina Martins, Inês S Pereira e Tiago Regueiras / *Técnico:* Pedro Morim

PESSOAL DO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E SUPORTE

Para a montagem será necessário, nos espaços em que tal se justifique, um técnico instruído no funcionamento dos equipamentos de luz e som do teatro. Este técnico ajudará tanto na montagem como na desmontagem do material. Em espaços não convencionais sem acesso a equipamento de luz próprio (tais como escolas, espaços polivalentes, centros cívicos, etc.), a companhia levará o seu próprio material.





© Nuno Leites

CONDIÇÕES DO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO

A zona de carga deve estar livre de qualquer veículo antes da chegada da companhia. Solicita-se, pelo menos, um local que sirva de vestuário, com acesso a espelho e lavabos.

TRANSPORTE DA COMPANHIA

A equipa far-se-á transportar em veículo próprio. O espaço de acolhimento compromete-se a facilitar uma zona de estacionamento destinada ao veículo da companhia, assim como obter, em casos em que tal se justifique, as correspondentes licenças de estacionamento e acesso ao recinto.

ACESSO AOS LOCAIS DE CARGA E DESCARGA

A descarga do material e a entrada deste no espaço de representação deverá realizar-se numa zona para isso habilitada, em casos que tal se justifique.

PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO

Montagem do equipamento cénico

1 hora (aprox.)

Montagem do equipamento de luz da companhia

2 horas (aprox.)

Montagem do equipamento de som

1 hora (aprox.)

Sub-total da montagem

4 horas

Preparação dos actores para o espectáculo

45 minutos

Espectáculo

50 minutos (aprox.)

Desmontagem

1 hora

Total

6 horas e 35 minutos

Nota: Em casos em que o material de luz utilizado no espectáculo não seja o da companhia, o tempo sub-total da montagem aumenta para 8 horas mais 1h 30m para ensaio técnico, sendo o total de trabalho de 12h 30m (aprox.), sem contar intervalos para refeições e intervalos para descanso.

NECESSIDADES TÉCNICAS

ESPAÇO DE APRESENTAÇÃO

Espaço livre, com um mínimo de 7m de largura por 13m de profundidade, para montagem do dispositivo cénico, o que não inclui plateia. O solo deverá ser liso, sem imperfeições ou desníveis em todo o espaço, ou seja, com inclinação de 0%. Possibilidade de execução de um blackout (devido à utilização de projecção de vídeo e ao recurso a luz negra, é necessário que seja possível a ausência total de luz natural), se assim não for possível, é favor contactar a produção deste espectáculo, a qual, após a análise do espaço proposto para apresentação, encontrará uma solução que não danifique a fruição do espectáculo.

LUZ

Controle

1 mesa de luz com um mínimo de 12 canais

Regulação

12 canais de dimmer

Projectores

12 PC's RJ 1000w ou similar (com palas, porta-filtros, garra e cabo de segurança)

Estruturas

4 torres laterais

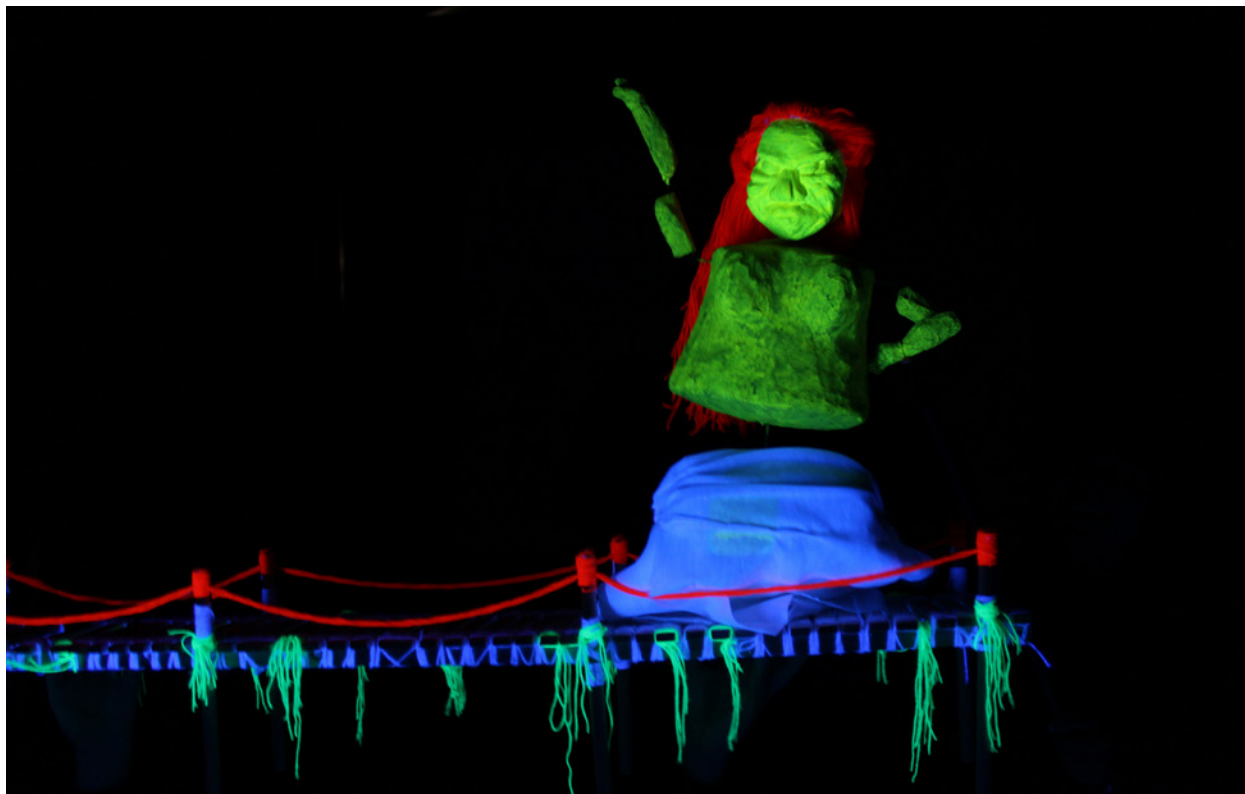
SOM

Sistema de PA, com possibilidade de ligação a um computador.

VÍDEO

Projector de vídeo com um mínimo de 2500 lumens, com possibilidade de projecção à rectaguarda.

Nota: Em espaços sem acesso a projector de vídeo, a companhia far-se-á acompanhar do seu próprio material de projecção.



Pedro Galiza

Adaptação, Encenação, Concepção Plástica e Sonoplastia

Pedro Galiza nasceu em 1986 na Póvoa de Varzim. É formado em Teatro-Interpretação pela ESMAE/IPP. É formador de Expressão Dramática desde 2005. Trabalhou com as companhias de teatro Assédio e Ensemble. Foi dirigido por João Cardoso, Emília Silvestre, Rogério de Carvalho, Carlos Pimenta, Jordi Ribot Thunnissen, entre outros. De 2008 a 2015, integrou a direcção d' A Filantrópica, onde foi também formador do Pelintra – Grupo de Teatro e colaborou como produtor e programador do Philantra – Festival de Arte Independente. Co-fundou a Marácula em 2013, exercendo, actualmente, as funções de director artístico e actor. Integra, desde 2015, a equipa de produção e programação do FIS – Festival Internacional de Solos, e dirige o Núcleo de Expressão Dramática Devisa da ESRP/Póvoa de Varzim.



Pedro Morim

Assistência de Encenação, Desenho de Luz, Concepção Plástica, Sonoplastia e Música Original

Pedro Morim nasceu em 1994 na Póvoa de Varzim. Estudou piano, acordeão, canto e pintura. Entre 2011 e 2015, participou como actor, técnico de luz e cenógrafo no Pelintra – Grupo de Teatro d' A Filantrópica. É formado em Cenografia pela ESMAE/IPP. Trabalhou com as companhias Voadora e LaFontana – Formas Animadas; com Patrick Murys, Marta Pazos, Carlos Pimenta, Gonçalo Amorim, Marcelo LaFontana, Cláudia Ribeiro, Luís Stoffell, Filipe La Féria, Amauri Alves, entre outros. Co-fundou a Marácula em 2013, onde actualmente exerce a função de director técnico. De 2014 a 2015, colaborou também como director técnico n' A Filantrópica e no Philantra – Festival de Arte Independente. Colaborou como aderecista para o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga e para a Escola de Samba Costa de Prata (Carnaval de Ovar 2016). Integra, desde 2015, a equipa técnica do FIS – Festival Internacional de Solos.



Crestina Martins

Interpretação

Crestina Martins nasceu em 1988 em Harrison, New Jersey. É formada em Teatro-Interpretação pela ESMAE/IPP e em Artes Circenses pela Escuela Internacional de Circo y Teatro CAU, em Granada, onde se especializou em

Acrobacia Aérea. Em 2010, estagia na companhia espanhola TAPTC? Teatro, em Mérida. Em 2013, volta a colaborar com TAPTC? Teatro, como assistente de encenação, para o *Agosto en Mérida* do Festival Internacional de Teatro Clássico. No mesmo ano, co-fundou a Marácula, onde trabalha, actualmente, como actriz. Em 2015, participou como aerialista no FIS – Festival Internacional de Solos. Desde então, trabalha como aerialista em diversas empresas de espectáculos.



Inês S Pereira

Interpretação

Inês S Pereira nasceu em 1989 em Almada, Lisboa. Trabalha em teatro desde 2005 e é formadora de Expressão Dramática desde 2008. É formada em Teatro-Interpretação pela ESMAE/IPP. Trabalhou com Richard Stourac, Marco António Rodrigues, Nuno Carinhas, Lee Beagley, Inês Lua, Rodrigo Malvar, Catarina Lacerda, António Durães, Ewan Downie, entre outros. Em 2011, co-fundou o Pelintra – Grupo de Teatro d' A Filantrópica, e, em 2013, integrou a direcção dessa cooperativa, colaborando como produtora e programadora do Philantra – Festival de Arte Independente, até 2015. Co-fundou a Marácula em 2013, exercendo, actualmente, as funções de actriz, apoio à produção e logística. Integra, desde 2015, a equipa de produção e logística do FIS – Festival Internacional de Solos, e dirige o Núcleo de Expressão Dramática Devisa da ESRP/Póvoa de Varzim.



Tiago Regueiras

Interpretação e Sonoplastia

Tiago Regueiras nasceu em 1988 em Vila Nova de Famalicão. É formado em Teatro-Interpretação pela ESMAE/IPP. Em 2009, co-funda a companhia Teatro Bandido. Em 2010, estagia na companhia espanhola TAPTC? Teatro, em Mérida. Trabalhou com a companhia TEatro Ensaio, Pedro Estorninho, António Durães, Juan Carlos Tirado Carroza, Raquel Bazo, entre outros. Co-fundou a Marácula em 2013, onde trabalha, actualmente, como actor. Em 2015, participou como actor no FIS – Festival Internacional de Solos. É também locutor da VOZ ON Locuções e Produções Lda., desde 2011, e encenador e director de actores no Baú dos Segredos, da Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, desde 2010.



Giselle Stanzione

Concepção e Construção de Marionetas

Giselle Stanzione nasceu em 1989 em Caracas, Venezuela. É formada em Interpretação – Teatro de Gesto pelo Institut del Teatre de Barcelona e integrou cursos intensivos de dança ministrados por Matej Matejka, Cecilia Colacrai, Guy Nader e Maria Campos. Trabalhou com Montse Bonet, Sophie Kasser, Joan Cusó, Alfred Cases, Núria Mestres, Álvaro de la Penya, Jordi Ribot, Pere Sais, Pedro Galiza, Xavier Torra, entre outros. Desenhou e construiu marionetas para a Marácula e para o grupo A-Pin, de Ametlla de Mar. Co-fundou a Marácula em 2013, exercendo, actualmente, as funções de atriz, apoio à produção e logística. Em 2015, participou como atriz no FIS – Festival Internacional de Solos. Actualmente, estuda Mimo Corporal Dramático na MOVEO e lecciona aulas de Danças Latinas em Cerdanyola del Vallès.



Carlos Meinedo

Design de Vídeo

Carlos Meinedo nasceu em 1990 no Porto. É formado em Artes Digitais e Multimédia e em Motion Design pela ESAD Matosinhos, tendo também estudado Design Gráfico na Escola Artística de Soares dos Reis. Entre 2011 e 2012, trabalhou como ilustrador e web designer para a Tymr, na Maia. De 2013 a 2014, trabalhou na produtora Bungalow, em Barcelona. Co-orientou, juntamente com João Moreira, um workshop de ilustração científica na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Em 2014, co-fundou o estúdio de comunicação Snack, sediado no Porto, onde trabalha actualmente como ilustrador e motion designer.



João Moreira

Design de Vídeo

João Moreira nasceu em 1990 no Porto. É formado em Artes Digitais e Multimédia e em Motion Design pela ESAD Matosinhos, tendo também estudado Design Gráfico na Escola Artística de Soares dos Reis. Entre 2014 e 2015, estagiou como motion designer no Canal180 (OSTV), no Porto. Co-orientou um workshop de animação para crianças integrado no 180's Creative Camp 2014, juntamente com Arthur Carvalho; e um workshop de ilustração científica na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, com Carlos Meinedo. Desde 2015, trabalha como ilustrador e animador freelancer.



Nuno Leites

Design de Vídeo, Motion Design e Fotografia

Nuno Leites nasceu em 1990 na Póvoa de Varzim. É formado em Artes Digitais e Multimédia e em Motion Design pela ESAD Matosinhos. Entre 2011 e 2015, colaborou como programador e motion designer em projectos d' A Filantrópica, tendo produzido o Philantra – Festival de Arte Independente. De 2013 a 2014, trabalhou na produtora Bungalow, em Barcelona. Co-fundou a Marácula, em 2013, e o estúdio de comunicação Snack, sediado no Porto, em 2014, trabalhando, actualmente, como motion designer para as duas estruturas. Integra, desde 2015, a equipa de produção e comunicação do FIS – Festival Internacional de Solos.



Adriana Leites

Design Gráfico

Adriana Leites nasceu em 1987 na Póvoa de Varzim. É formada em Artes Digitais e Multimédia e em Design de Comunicação pela ESAD Matosinhos. Entre 2011 e 2012, trabalhou como web designer na TPWD – Web Design Studio. Entre 2013 e 2015, colaborou como designer de comunicação em projectos d' A Filantrópica, tendo feito parte da equipa de comunicação da 4ª edição do Philantra – Festival de Arte Independente. Co-fundou a Marácula, em 2013, e o estúdio de comunicação Snack, sediado no Porto, em 2014, trabalhando, actualmente, como designer de comunicação para as duas estruturas. Integra, desde 2015, a equipa de produção e comunicação do FIS – Festival Internacional de Solos.





FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA DA COMPANHIA

Direcção Artística

Pedro Galiza

Produção

Inês Carvalho e Lemos (*em Portugal*)

Apoio à Produção e Logística

Giselle Stanzione (*em Espanha*)

Inês S Pereira (*em Portugal*)

Directoria Técnica e Apoio Logístico

Pedro Morim

Design de Comunicação

Adriana Leites

Motion Design, Web Design e Fotografia

Nuno Leites

